



Nona edição de 20 a 30 de Outubro

Dez dias de DocLisboa “acordado para o mundo”

Jorge Mourinha

● À nona edição, o DocLisboa, com uma programação fortíssima, entra definitivamente no “núcleo central” dos festivais de documentários. “Já não estamos na periferia”, como disse ontem, na apresentação oficial, Augusto M. Seabra, programador associado do festival que decorrerá de 20 a 30 de Outubro próximos em Lisboa. A prová-lo, 172 filmes, entre os quais cinco estreias mundiais, 17 primeiras obras e um “filme-surpresa”, exibidos nas salas da Culturgest, dos cinemas São Jorge e Londres e da Cinemateca Portuguesa, com extensões no último fim-de-semana ao Cinema City Campo Pequeno e ao Teatro do Bairro. A abertura é com o mais recente documentário de Frederick Wiseman, *Crazy Horse* (sobre o cabaré parisiense), estreado em Cannes 2011, o encerramento com *Photographic Memory*, de Ross McElwee, estreado em Veneza 2011.

Pela primeira vez em cinco anos, um filme português estará na competição internacional: *É na Terra, Não É na Lua*, de Gonçalo Tocha, que concorre ao prémio máximo do festival ao lado de obras que já causaram sensação noutros festivais como *Tahrir - Liberation Square* de Stefano Savona ou *Vol Spécial* de Fernand Melgar. O facto é tanto mais significativo quanto

as selecções competitivas - tanto internacional como nacional - têm este ano menos filmes.

É uma opção e não falta de “oferta”, como explicou na conferência de imprensa a programadora Anna Glogowski, que assume este ano a direcção do DocLisboa. “Vimos cerca de 1400 filmes, fora os que descobrimos em festivais. Mas as nossas grandes orientações para este ano eram tentar concentrar salas, diminuir o número de filmes propostos e estabelecer um diálogo entre as várias secções.”

Esse diálogo pode, por exemplo, ser entre as actuais convulsões do Médio Oriente e os movimentos de libertação das ex-colónias portuguesas. No primeiro caso, apresentar-se-ão obras sobre a Primavera Árabe de 2011 (*Tahrir - Liberation Square* e o filme tunisino *Plus Jamais Peur* de Mourad ben Cheikh) e a Revolução Verde iraniana de 2009 (*Fragments d'une Révolution*, obra colectiva, e o filme sobre a prisão domiciliária de Jafar Panahi, *Isto Não É um Filme*). No segundo, teremos uma retrospectiva de perto de duas dezenas de obras há muito invisíveis e nunca anteriormente reunidas sobre os movimentos de libertação de Angola, Guiné-Bissau e Moçambique, marcando o 50º aniversário do início da Guerra Colonial.

Esse diálogo prolonga-se para as duas retrospectivas históricas de 2011, dedicadas a um dos nomes centrais da evolução do documentário, Jean Rouch (que seguirá até Novembro na Cinemateca Portuguesa), e ao cineasta e artista visual Harun Farocki, “um velho sonho realizado” segundo Seabra, prolongada para a exposição Três Duplas Projecções que está já patente no Palácio Galveias. E a secção de documentários musicais Heartbeat abre com uma das raras ocasiões de ver em grande écran o documentário de Martin Scorsese sobre George Harrison, *Living in the Material World*, mas exibirá igualmente obras sobre Miriam Makeba, Michel Petrucciani, os Ramones ou Victoria de Los Angeles.

E não aflorámos sequer a superfície de uma programação que confirma o Doc como “um festival acordado para o mundo” e que trará igualmente obras de Jia Zhang-ke e Wang Bing, James Benning e Alex Gibney - ou Agnès Varda, de quem veremos em estreia mundial o primeiro episódio da série televisiva *Agnès de ci de là Varda*. O melhor é mesmo consultar o programa em www.doclisboa.org.

Os bilhetes, a 3,50 euros, estão já à venda na bilheteira central do festival na Culturgest.



Crazy Horse, de Frederick Wiseman, estreou em Cannes 2011 e abre o DocLisboa